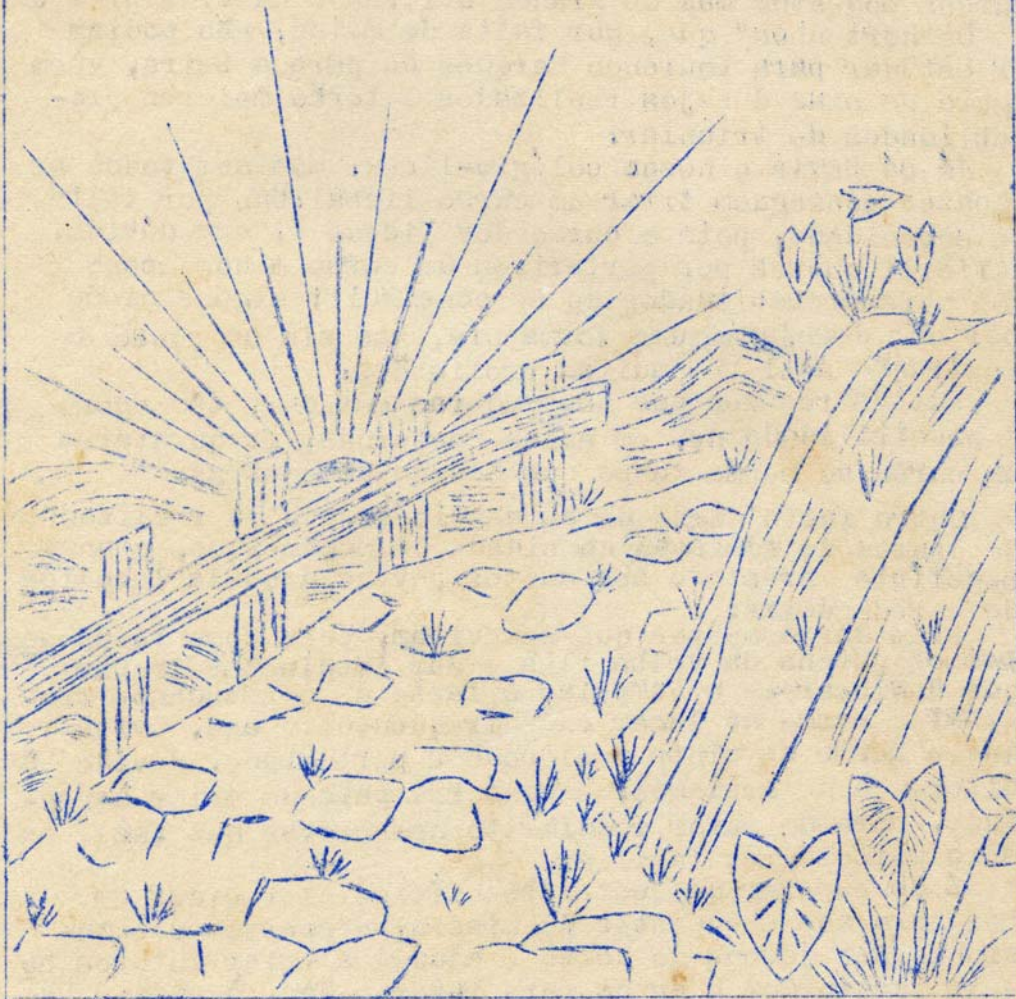


13

ARREBOIL



Editorial

Nampula está de facto a desenvolver-se rapidamente. A Escola Técnica que, breve, começará a funcionar é uma prova da minha afirmação.

Com o novo instituto de ensino, a mocidade de Nampula poderá tirar um curso comercial ou industrial, cursos modestos mas de grande utilidade na vida prática.

Os "nortenhos" que, por falta de meios, não podiam ir estudar para Lourenço Marques ou para a Beira, vêem agora os seus desejos realizados e terão maiores probabilidades de triunfar.

Já cá havia o nosso colégio-liceu, mas nem todos os rapazes conseguem tirar um curso liceal. Uns por falta de capacidade, pois o curso dos liceus é, sem dúvida, difícil; outros por preferirem um curso menos longo e com mais probabilidades de se conseguir; alguns ainda por não desejarem uma formatura, mas sim um pouco de instrução útil em muitas profissões.

Muitos rapazes que não puderam estudar, têm agora a possibilidade de, em aulas nocturnas, frequentarem um curso ao mesmo tempo que ocupam um emprego.

Outro facto digno de se mencionar é o da realização de exames de admissão na cidade de Moçambique, grande benefício prestado aos muitos jovens daquela localidade e redondezas.

Além das despesas que se evitam, pois como todos sabem os jovens da velha ilha e das imediações tinham que deslocar-se a Nampula, o facto de o estudante realizar o exame no lugar onde frequentou o ano, evita que o mesmo se sinta deslocado e perturbado, devido à diferença de ambiente, e concorre para um maior à-vontade, para um maior rendimento nas provas que faz em meio psicológico familiar.

É de esperar que estes benefícios oferecidos em boa hora aos estudantes do Niassa, despertem o entusiasmo nos jovens do Norte e ajudem a criar futuros homens instruídos e aptos para fazerem face à vida, ho-

(Continua na pág.16)

Poesia

:BALADA DE NAMPULA:

Nampula, ó bela,
De altas serrás
E mirradinhas!
Mas nos teus vales,
Há salmos de verdura,
Há sonhos de fréscura.

Nampula, ó belá,
Ao pé dos montes,
Cantam as fontes
Doçes modinhas
Das tuas gentes,
Das tuas terras.

Nampula, ó bela,
Feiticeirinha,
Cheia de graça!
Flor bela
Do Niassa!

Nampula, ó bela,
Poema de alegria,
Tu vives nos meus lábios a cantar
Negra magia
De enfeitigar.

Nampula, ó bela,
Cheia de graça,
Tu és a estrela
Do grande Niassa!
Nampula, ó bela,
É uma estrela....

Russo Ferrêira
(4º ANO)

O medo!

Por: Carlos Vieira
(3º ANO)

SEGUIA eu, em noite escura, por uma estrada deserta. Os faróis do carro, que um amigo meu guiava, iluminavam a estrada e os matagais fechados dos lados.

Os inúmeros animais selvagens que aparecem nas estradas, a horas mortas, apavoravam-me.

De repente, um carro branco, que na escuridão mais branco parecia, passou por nós. Esse aparecimento deixou-me cheio de medo, pois dizia-se que aparecia, naquela estrada, a altas horas da noite, um carro branco, dentro do qual viajavam os fantasmas brancos de dois esposos, que ali tinham desaparecido.

Este acontecimento deixou-me mal disposto para o resto da noite. De vez em quando, voltava-me para trás para ver se era seguido por alguém. Numa das vezes em que olhei para trás pareceu-me ver a luz dos faróis de um carro. Disse ao meu amigo para parar. Esperei que o outro passasse. Passou o carro e eu notei com espanto e medo que iam dois vultos brancos dentro.

Essa prova real do que se dizia na cidade meteu-me tanto medo que desmaiei.

Quando acordei, era dia. De repente, vi-me rodeado de pretos que andavam na estrada e que tinham parado para me verem melhor. Contei-lhe o sucedido, e eles, para confirmarem as minhas palavras, disseram-me que os viajantes do carro branco tinham roubado na aldeia mais próxima duas crianças indígenas.

Voltámos para a cidade. Levei todo o caminho a olhar para trás. Quando estava a chegar, vi que o mesmo carro branco nos seguia. Pensámos que nos quisessem suprimir e, por isso, o meu amigo acelerou a marcha, até chegarmos à vista da cidade. Olhei para trás e notei que o carro desaparecera. Este mistério deixou-me tão perturbado que nunca mais passei por aquela estrada e nunca mais deixei de pensar em carros brancos com fantasmas brancos lá dentro.

???

(Continuação)

Raimundo reparou no grupo indicado pelo zagal e apu-
rou o ouvido. Apesar da confusão de vozes, conseguiu
ouvir a potente voz do charlatão:—"Os melhores fósfo-
ros, meus senhores! Os melhores fósforos! São de cera!
Acendem em qualquer lado..."

—É um homem que faz propaganda de fósforos por man-
dato da fábrica. Vamos até lá e acharás engraçado o
que ele faz.

Furando por entre a multidão, o Sr. Raimundo conse-
guiu levar Ramiro a lugar de onde pudesse observar os
feitos do charlatão. No entanto, não foi sem dificulda-
de que o conseguiu. Fura aqui, empurra acolá—não se
livra aos comentários, às vezes pouco agradáveis dos
que ficavam para trás de si:

—Onde é que você quer ir?—perguntava uma velha
toda zangada.

—Não empurre, pelo amor de Deus!... Primeiro cá
cheguei eu!—dizia uma rapariga só com a ponta dos pés
no chão e esticando o pescoço para ver melhor.

—Ó seu..., não vê que me pisou um calo?—Eh, pá!...
Ó Zé, olha-me este gajo! Passa aqui com o fedelho a re-
boque e não se importa com os que cá estão! Já me pi-
sou um pé!

—Pisa também o dele! Olha, vamos também furar por
qualquer lado! Isto também é para nós!

—Pois é sim, mas se fizermos isso ainda apanhamos
algum murro que ficamos a ver estrelas ao meio dia!

—Quem?! Só se ires tu. Eu dou-lhe o troco.

Era a conversa de dois rapazeiras da rua que, a todo
o custo, tinham chegado até ali: O mais fanfarrão, o
que dava também o troco, aventurou-se logo a furar por
entre duas honradas matronas que, muito atentas, olha-
vam para as proezas que o charlatão fazia. O resultado
foi apanhar tremendo tabefe nas ventas que começou lo-
go a pingar sangue e ouvir ainda por cima:

—O que queres tu, meu canalha! Vai para a tua mãe que te meta uma chupeta na boca...

—Oh!... Oh!... Oh!...—foi a resposta do maltrapilho que, segurando o nariz com dois dedos, olhava para ela de boca aberta:

—Anda, Zé! Dá-lhe agora o troco! Ah! Ah!—dizia o outro às gargalhadas.

—É bem feito, é bem feito! Some-te, de contrário ainda te dou também—diziam várias vozes.

Vendo o caso mal parado, o garoto empreendeu a viagem de regresso e foi tentar por outro lado.

O fidalgo, sempre com o seu protegido pela mão seguia, indiferente a estas cenas e ditos, não livre de apanhar algum "aperitivo" semelhante ao do vadio.

Talvez não o tivesse apanhado ainda pelo respeito que a sua indumentária infundia, mas a vontade deve ter ficado no coração de muitos. O que é certo é que já tinha alcançado um lugar de onde Ramiro podia ver bem o que se estava a fazer.

Nesta altura, o farsante tinha chamado para junto de si quatro homens a quem tinha dado cigarros e dizia:

—Meus senhores, vão ver como se acendem cigarros de quatro maneiras diferentes.

Seguidamente, tirou uma caixa de fósforos das muitas que tinha sobre uma mesa improvisada e, abrindo-a, dela tirou um fósforo de cabeça azul com a extremidade de amarela e raspando-o na lixa da caixa acendeu o primeiro cigarro.

—Isso também eu faço com qualquer fósforo! Ora muito obrigado!—disse um rapaz, já barbado, de entre a multidão.

—Isto é para provar que têm as mesmas propriedades que qualquer outra marca. Agora, verão as vantagens que tem sobre elas todas!

E, tirando segundo fósforo, passou com ele pela sola de um sapato e acendeu-o. O terceiro foi aceso no tampo da mesa. Muitos daqueles aldeãos que não conheciam a propriedade do fósforo diziam que ele tinha lixa

colada na sola dos sapatos e no tampo da mesa, enquanto to outros interpretavam das mais disparatadas maneiras o fenómeno.

—O 4º cigarro vai ser aceso com fogo da minha boca.

—Não pode ser, porque está molhada!—gritou uma voz.

—Ah, não!? Espere um pouco e verá!

—Tirou o 4º fósforo da caixa e metendo-lhe a cabeça entre os dentes, de maneira que aos outros parecia-se que o tinha posto sobre a língua, puxou energicamente e endireitou-o nos dedos dando a volta ao estrado mostrando-o a toda a gente. Por fim, acendeu o cigarro ao rapaz que há muito esperava com ele a pender dos lábios.

—Então, pode ser ou não? Viu agora?— perguntava e ele ao sujeito que tinha duvidado—E, assim, para cada um de vocês se poderia arranjar um método de acender cigarros. Quem quer agora mais cigarros acesos?

—Eu!...Eu!...Eu!... —E principalmente todos os arduos e vadios corriam para o estrado, não para presenciarem os processos de acender cigarros mas para verem se conseguiam um cigarrinho inteiro e novinho, porque sempre era melhor que andar a apanhar as beatas pelos cafés e cervejarias.

—Calma! Calma! —gritava o charlatão—Eu não tenho cigarros! Peguem lá os fósforos e vão comprar os cigarros —E deitava caixas sobre caixas para o meio daquela massa de gente.

—Oh!!!—Resmungavam eles. Mas como "tudo o que vem à rede é peixe", deitavam-se uns por cima dos outros, para apanhar, ao menos, uma das tais caixas.

Ramiro presenciava todo este espectáculo muito divertido e a vontade dele era deitar-se para o meio daquela "canalhada", para apanhar uma caixa. O Sr. Raimundo, porém, evitou-lhe o trabalho, deitando a mão a uma que lhe passou ao alcance e entregou-lha:

Era digno de se verem todos aqueles a quem a sorte tinha dado um exemplar a experimentar as proezas do reclamista. Na sola dos sapatos, aqueles que os tinham, em pedras ou noutro objecto áspero, eram eles capazes

(cont. na pág. 16)

SÃO PAULO

Situada num planalto de 800 metros de altitude, mas perto do porto de Santos, S. Paulo ultrapassou as mais arrojadas e optimistas previsões, transformando-se em 50 anos, de uma simples cidade provinciana na maior e mais progressiva cidade brasileira.

Foi o café primeiro, e a indústria depois, que a fizeram despertar, fazendo desta cidade e do estado Paulista o centro de gravidade e a região mais próspera e melhor apetrechada do Brasil.


Hoje, com o seu crescimento fantástico, está para o Rio de Janeiro como Nova York para Washington, sendo a cidade que mais cresce em todo o mundo.

O seu povo é o mais laborioso de todo o país, mas esta cidade não tem a beleza nem os divertimentos da capital carioca. Em São Paulo tudo trabalha, pois a cidade é constituída por emigrantes de todos os países da Europa que para aqui vieram encontrar riquezas que não tinham nos seus países superpovoados, e o clima é temperado devido à altitude.

É consolador verificar-se que estas gentes de todas as nacionalidades, depressa se abrasileiram, o que é o mesmo que dizer que se aporuguesam, nesta cidade prodigiosa.

Foi o jesuíta Manuel da Nóbrega quem fundou o pequeno burgo com alguns índios pelos quais ele e os seus colegas tanto lutaram para os salvar da escravidão e da barbárie. Mal sabiam ele e os colonos daquele tempo que, justamente naquele lugar, onde viam míseras cabanas, se ergueria imponente com os seus arranha-céus, quatrocentos anos mais tarde, a mais moderna e dinâmica cidade do Brasil e a primeira cidade de língua portuguesa em todo o globo. São Paulo é a visão do que virá a ser a enorme nação irmã, dentro de alguns decênios, quando estiver devidamente aproveitada e povoada.

ARTUR PERICAO
(5º ANO)



Poesia

FORTE COMO A MORTE

Aquela sombra, cheia de ternura,
Jurou, em noite amena, o seu amor;
Mas partiu não sei para onde com razão
De eu ser pobre e viver em vã negrura.

Um mártir neste mundo de amargura
Feito pela dor pungente da tua dor
Que me roubou a cara vida e a cor
Que um beijo eterno teu manchou sem cor.

Inda me lembro que uma longa vida
Pedimos, juntos a Deus, em oração.
Hoje, direi: "Meu Deus, justo e bondoso,

Abre as portas da tua doce guarida
E, se não podes, as do inferno então,
Que viver mais não possô, de amoroso."

Políbio R. da Silva
(5º ANO)

Critica literaria

~UM SORRISO, E NADA MAIS!~

Há quem veja na Poesia um meio de criticar as acções dos outros. Há também aqueles que a não apreciam por versar sobre assuntos fúteis. O certo é que só quem a não sente pode falar assim. Desde recuados tempos, os homens cantaram os seus amores, os seus sentimentos patrióticos, etc.

Também devemos admitir na Poesia os gritos de dor dos Poetas, quando sentem as misérias alheias que não o ferem propriamente a ele mas o obrigam a poetar não escarninhamente, mas para aconselhar os outros a manterem atitudes como as suas, as mais próprias no seu bom pensar — para resolver os "milandos" que o viver com os outros homens traz à vida de cada um.

É o caso da pequena poesia de António Botto, a que dedicamos umas linhas, nesta edição de "ARREBOL!"

"Que importa que o mundo fale?

Responde com um sorriso,
— Um sorriso e nada mais.

Quando alguém
Só por suposições

Afirma

Alguma coisa má de vós
É porque tem a consciência
De que posto no mesmo caso
Nele seria verdade
O que em nós é aparência.

Um sorriso, — e nada mais:

Sim, faz o mesmo que eu faço"

(De "AS CANÇÕES DE ANTÓNIO BOTTO"
pág. 49)

O poema que temos diante não é um acto desesperado de descrença na humanidade. Não.

É apenas uma maneira admirável de consolar os que são vítimas das murmurações alheias.

Para quê ser pessimista, agir á toa e, depois, vir a sofrer? Não! É deixar viver os que zombam de nós e nós, como sinal da nossa mágoa, demos apenas "um sorriso, e nada mais!"

Não é a extensão que marca a beleza duma poesia. É o seu conteúdo, que nos faz meditar. Em meia dúzia de palavras, António Botto expõe e exalta a simplicidade dum sorriso que ele considera o melhor remédio e o melhor e mais eficaz correctivo a aplicar aos "más-línguas": "Sim faz o mesmo que eu faço!"

Ao passar com os olhos por este aglomerado de palavras, alguém poderia pensar: "Mas que grande baralhada de palavras". Se examinarmos convenientemente, sentiremos o ressoar das palavras na nossa consciência. Não é a rima, a forma alindada que propriamente caracteriza a poesia. É a sua expressão sentimental, a maneira como nós a vivemos. Disposta com muita simplicidade, em poucas palavras, correntes, mas todas com definido.

Sem rima—e muitos considerarão falta da rima inhabilidade do Autor—, esta poesia compara-se às gregas, em que ^{os} poetas exploravam sobretudo o emprego selectivo de cada palavra, de modo que, nenhuma delas fosse demasiada. É mesmo difícil fazer uma poesia sem rima, com tão grande fecundidade de pensamento. Portanto, não attendemos à parte material, mas sim à expressão das imateriais ideias. Aqui, soube António Botto mostrar o seu talento poético com rara beleza e verdade e elevação. Muito superior, sem dúvida à daquele conselho grosseiro mas prudente de Erochka a Olenine, em obra célebre de Tolstoi: "Vamos, deixa isso, meu caro! Deixa! —Ofenderam-te, tanto pior; cospe-lhes em cima!"

POLÍBIO FLOR

(5º ANO)

A semana

CRÓNICA DESPORTIVA

1 FUTEBOL—A contar para a Taça Salazar, realizou-se, no passado dia 22, o encontro de futebol entre as equipas do Clube Ferroviário de Nampula e o Grupo Desportivo de António Enes.

A expectativa era enorme, pois que Nampula ainda não conhecia o nível técnico da equipa de António Enes. Mas final o Desportivo mostrou-se desintegrado no seu conjunto, sem técnica, não demonstrando técnica muito de futebol. Com muitos treinos porém, poderá fazer bons resultados.

O Ferroviário, talvez por não ter um adversário compatível com a sua forte equipa e por faltarem vários jogadores titulares, não jogou como estávamos habituados a ver jogar.

O volumoso resultado 8-0 não correspondeu ao nível técnico do jogo.

O Desportivo só por falta de sorte não marcou o seu ponto de honra, o qual era muito merecido. Jogo com vontade mas desintegrado.

A boa arbitragem do Sr. Martins de Sousa foi muito facilitada pela correcção dos jogadores e—desta vez!—do numeroso público.

Assim ficaram apurados para a final da Taça Salazar, que se realiza no dia 29, o Sporting Clube de Nampula e o Clube Ferroviário de Nampula.

Vitor Mendes

ÁGUA A MAIS...

2 Ainda não há muito, os jornais falavam assustadamente das cheias que por esse mundo fora iam matando gente e destruindo terras e casas. Essas cheias, parecia serem o princípio do 2º dilúvio universal. Há muitos anos, que se não tinham verificado cheias semelhan-

tes. Relacionando-se uma coisa com a outra começou-se a dizer que as enchentes eram devidas às experiências da bomba atômica que estão sendo efectuadas no deserto da Nevada, na América do Norte e em outros lugares. E não haverá um certo fundo de verdade nessas afirmações?

Como se sabe, já não é a primeira nem a segunda bomba que estoiram e, por isso, não é de admirar que a radioactividade tenha tido alguma influência nessas enchentes formidáveis que assolaram todo o mundo, estragando a vida aos povos que viviam da agricultura e parando as fábricas das grandes cidades industriais, onde milhares e milhares de operários ficavam sem trabalho e, por isso, sem o pão de cada dia com que deviam sustentar as famílias. Ora, se as enchentes foram derivadas das experiências atômicas, não seria melhor que os sábios que fazem essas experiências tivessem mão em si? Quando os inventos dos homens só servem para destruir, melhor é que não se invente nada!

Amílcar Andrade
(4º ANO)

---EXAMES---

3 Aproximam-se vertiginosamente, sem que os alunos acreditem, uma data que para muitos de nós é decisiva para o resto da vida. Aulas extraordinárias, explicações, e estudo pela noite dentro e o erguer antes da luz do dia—eis a vida dos alunos do 2º e 5º anos do liceu, por estas alturas do ano. Tentam eles fazer agora o que nem sempre fizeram durante o ano letivo, quando ainda se podia dizer:—Falta muito!

Estas preocupações todas reflectem-se no semblante dos estudantes, cuja vida não é tão fácil como, às vezes, se ouve dizer por aí.

Dores de barriga e pânico nos alunos e nos professores, ao descobrirem as faltas na sabedoria, estão na ordem do dia. Tempos melhores, porém, estão reservados àqueles que virem os seus esforços recompensados. Aguardemos, pois, as férias de Agosto no árduo trabalho de agora.

Artur Pericão(5º ANO)

A NOSSA NOBREZA

4

Já sabem?! Andam, agora, por aqui umas certas tendências à reconstituição da nobreza à moda do século XVII com todos os requintes de galanteria.

Nunca empregam o verbo no singular. Usam sempre o plural. Mas aquilo é "calinada" de fazer admirar os santos. E os gestos e vénias com que se cumprimentam?! Não semelhantes aos da máscula nobreza da Idade Média, mas sim aos da nobreza "efeminada" e requintada do tempo da Revolução Francesa.

Os sorrisos "hipócrita" esforçados para se mostrarem amáveis não faltam. E, se visseis como eles os sabem disfarçar?...

O seu ar de superioridade é tão notável como o dos perus emproados. Para eles, todos os que não adoptaram um suposto nome de nobreza são, nada mais nada menos, que "escravos". (Bem se importam eles com a abolição da escravatura!)

Mas, pode surgir a pergunta: Quando nasceu essa "rasca" Nobreza, com seus requintes de galanteria e frases afrancesadas, inspirada nos seus antepassados do século XVII?

Não posso dizer bem concretamente a data do aparecimento da nossa nobreza, mas suponho que foi por alturas em que dois dos membros da dita nobreza, se não me engano, o "Seco" e o "Galinha Loira", foram convidados pelo nosso Reitor para, juntamente com ele, fazerem uma visita importante.

De regresso, resolveram trocar os seus ilustres cognomes por outros de mais merecimentos: Marqueses, Duques, Barões, Condes, etc. E cada um tinha dois ou três. É claro que outros os imitaram, imediatamente. Mas, eram demasiado másculos, alguns não se adaptaram aos exigidos requintes.

E, assim, pres entemente, há apenas quatro nobres ferrênhos: O Galinha Loira, que é Duque e Marquês de qualquer vila imaginária e o Andorinha, Barão e Conde talvez da mesma região.

O terceiro é o único que tem nome legível: O Cance-la Calábria, a quem deram o título nobiliárquico de Conde de Orango e Duque de Tango. E não posso nem que-ro esquecer o Touças, eleito Dom Abade para "serviço" de suas Altezas.

Agora que prestei as honras devidas a esta ilustre nobreza, termino, desejando-lhes uma longa, feliz e atilada supermacia sobre a Burguesia das suas baronias condados e ducados no país das brumas.

João Pereira "Coco"
(5º ANO)

5

HISTÓRIA BREVE DA SIMPATIA EM NAMPULA

Era a hora em que o Sol agonizante estende pe-las cumieiras dos montes um suspiro de oiro e sangue... Apetecia andar pela rua, e muito mais com pensamentos de arte a dirigir os meus passos.

Nunca tinha entrado na sala de trabalho do Sr. Sér-gio Martins; ia, por isso, com uma certa curiosidade, tanto mais que me haviam falado nuns oleos que tinha dependurado, diante da mesa-estante de trabalho.

Entrámos.

Falámos de fotografias, vimos as fotos que íamos buscar, pagámos, e vínhamos embora, quando dei com os olhos nos tais óleos. Fiquei preso. Depois, falámos longamente e seria interessantíssimo referir os ditos e atitudes de louvável modéstia do Sr. Sérgio Martins, se o espaço desse para tanto. Não posso, porém, dei-xar de trazer a esta página da simpatia o gesto simpá-tico do artista que, depois de tirar das malas e das gavetas autênticas preciosidades para nos mostrar, ven-do o meu interesse e sabendo que me dedicava a esse trabalho nas raras horas livres dos meus estudos, se prontificou a dar-me umas lições de desenho à vista e sobretudo da figura, em que ele é exímio.

—O meu amigo vem, disse-me ele—, e trabalha aí so-bre essa mesa; eu trabalho na câmara escura e, de vez

em quando, venho ver o seu trabalho e dar-lhe as indicações precisas. Pode vir quando quiser. Faço-lhe isso com todo o gosto.

Aceitei, agradei e sinto-me verdadeiramente confundido com tão generoso e simpático oferecimento

HAWELL DE MENDONÇA
(3º ANO)

EDITORIAL

(Continuação da p. 2)

mens esses que tanto podem vir a honrar esta nossa terra portuguesa.

R. - - -

? ? ?

(Continuação da p. 7)

de acender os fósforos, mas nos dentes é que não. Um mais teimoso, após várias tentativas conseguiu inflamar um mas o resultado foi ficar com as lábios queimados. Cenas semelhantes a estas havia muitas por todos os recantos da praça e algumas bem interessantes presenciou Ramiro.

Era quase meio-dia e o Sr. Raimundo não tinha feito negócio algum. Havia muitas coisas que ele queria mostrar ao seu pupilo, mas não tinha tempo. Não o largando nunca, passava por entre a multidão e dirigia-se para a parte em que o negócio era mais enérgico, ao mesmo tempo que dizia:

(continua)

JOJO VIEIRA PEREIRA

(5º ANO)

SUMÁRIO:

ARREBOL

EDITORIAL-----	2
BALADA DE NAMPULA-	3
O MEDO-----	4
? ? ? -----	5
S. PAULO-----	8
FORTE COMO A MORTE-	9
CRÍTICA LITERÁRIA-	10
A SEMANA-----	12

SÉRIE III-Número 12-28/5/55

DIRECTOR: Arnaldo Freitas

EDITOR: Fernando Gil

ADMINISTRADOR: Rui Bivar

ILUSTRAÇÕES: António Coelho

REDACÇÃO: Colégio-Liceu

VASCO DA GAMA

.-N A M P U L A.-